



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

WESLAYNE CRISTINA SILVA VIEIRA

**ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE: PERCEPÇÕES DE UM
GRUPO DE PROFESSORES ACERCA DO FRACASSO
ESCOLAR**

LONDRINA
2010

WESLAYNE CRISTINA SILVA VIEIRA

**ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE: PERCEPÇÕES DE UM
GRUPO DE PROFESSORES ACERCA DO FRACASSO
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^a. Dr. Sueli Édi Rufini

LONDRINA
2010

WESLAYE CRISTINA SILVA VIEIRA

**ATRIBUIÇÕES DE CAUSALIDADE: PERCEPÇÕES DE
UM GRUPO DE PROFESSORES ACERCA DO
FRACASSO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
da Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Sueli Édi Rufini
Orientadora
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Eliana Eik Borges Ferreira
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Ms. Luciane Guimarães
Batistella Bianchini
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Paula Mariza Zedu
Alliprandini
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de 2010.

DEDICATÓRIA

Aos meus Pais, Sr. Dirceu e Sra. Divina, meus irmãos Wesler e Wellington, pois sem o apoio e o incentivo deles este sonho não estaria sendo realizado, e principalmente ao meu esposo Daniel pela compreensão nos meus momentos de ausência, que com paciência me apoiou, me incentivou e me deu ânimo nessa difícil jornada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado força, coragem e fé para caminhar ao longo desses anos, pois, tudo é possível para aquele que crer.

Aos meus familiares: minha mãe Divina, meu pai Dirceu, meus irmãos Wellington e Wesler, meu Esposo Daniel, meu sogro José e minha sogra Maria, minhas cunhadas Valéria, Gisele, Suzana, Mônica, Samantha, meus cunhados Cleber e Getulio, meus sobrinhos Abner, Alifer, Renan, Jhonatan, Gabriel, Igor, minha querida tia Gracinha, A Ana Paula e o Meu irmão Ricardo, enfim, todos que fazem dos meus dias os mais coloridos e brilhantes. Amo muito todos vocês!

As minhas amigas Bel, Marilda e Silmara pela amizade, pelos momentos que passamos juntas, se divertindo e compartilhando reflexões.

Aos professores do curso que participaram diretamente ou indiretamente da minha formação.

A professora Sueli Édi Rufini, que mesmo de licença me atendeu e apoiou na elaboração deste trabalho o tempo todo, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

As atribuições causais que os professores fazem em relação aos seus alunos dentro do contexto escolar, tem sido vista como um determinante importante, pois, estas atitudes podem interferir no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um recorte referente a uma pergunta de um questionário feito para um grupo de professores de escolas de municípios vizinhos à Londrina, da Região Norte do Paraná. Esta pergunta refere-se á quais as maiores dificuldades que os professores enfrentam para ajudarem seus alunos a superarem as dificuldades para aprender. Além disso, foram analisadas quais as principais atribuições que os professores relatam a cerca do fracasso escolar de seus alunos, tendo como base as teoria da Autodeterminação e da Causalidade, onde estas teorias respaldam a fundamentação teórica deste trabalho, os alunos precisam sentir-se pertencente e autodeterminadas ao relacionarem com suas atividades escolar. Este estudo teve como metodologia o uso de um instrumento para avaliação. Os resultados indicaram que as maiorias dos professores preferem atribuir a culpa pelo fracasso escolar de seus alunos ao outro, este outro pode ser: A família, A escola ou o próprio aluno. Poucos si auto-analisaram e responderam que falta preparação profissional para auxiliar seus alunos no bom desenvolvimento da aprendizagem escolar. As implicações dos resultados educacionais encontradas são analisadas.

Palavras-chave: Motivação, Alunos, Professores, Desempenho Escolar, Fracasso, Sucesso.

LISTA DE QUADOS

Quadro 1 - Dimensões Causais de acordo com a Teoria Intrapessoal de motivação.....23

Quadro 1 - Demonstrativo dos estabelecimentos de ensino, docentes e alunos a integrarem o Projeto.....32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição das respostas apresentadas pelos professores.....23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
JUSTIFICATIVA	12
REVISÃO LITERÁRIA	13
OBJETIVOS	25
METODOLOGIA	26
RESULTADOS	29
Categorias de respostas	29
<i>Alunos</i>	29
<i>Família</i>	30
<i>Estrutura escolar, sistema educacional</i>	31
<i>Professor/ equipe pedagógica</i>	32
DISCUSSÃO	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXO 1	42

Introdução

A motivação no contexto de aprendizagem escolar tem sido vista como um estado que norteia e representa o interesse e a vontade do aluno de desenvolver uma atividade de aprendizagem. Conhecendo a motivação de um estudante é possível prever ou inferir o grau de interesse desse aluno em participar dessa atividade. Nesse sentido, algumas vezes o estudante pode ter interesse pela atividade estimulado por movimento ou exigência externa (por exemplo, querer saber a respeito de um autor porque vai ser cobrado na prova) ou, ainda, ele pode fazê-la por pura satisfação e contentamento em realizar a atividade, demonstrando, assim, um grau de motivação qualitativamente superior. O aluno motivado busca conhecimento, novidades e realizações de atividades por meio das quais possa ampliar e testar seus conhecimentos e habilidades. Além disso, esse aluno não recua diante das atividades mais difíceis, mas, enfrenta-as com persistência e dedicação, sempre priorizando a construção da aprendizagem a cada etapa. (BZUNECK, 2001).

A motivação no contexto de aprendizagem é fundamental para o bom desempenho e desenvolvimento dos alunos. Alunos motivados têm melhores resultados e, conseqüentemente, alcançam boas notas. Mas a qualidade motivacional de cada aluno pode ser influenciada pelas interações com os professores, colegas de sala e com a família. Na sala de aula o professor pode, através de suas ações, desenvolver e aflorar em seus alunos o interesse pelo conhecimento, pelo aprender conteúdos específicos, proporcionando caminhos e oportunidades de escolhas, desenvolvendo, assim, autonomia e a organização na sala de aula.

Mesmo que os conteúdos escolares sejam previamente selecionados e predeterminados, cabe ao professor estabelecer um elo entre o programa imposto pelo currículo e os conhecimentos prévios e interesses dos estudantes. Nesse sentido, ele pode planejar atividades interessantes, desafiadoras para seus alunos, motivando-os a realizar com compromisso e seriedade a busca pelo conhecimento. Segundo Brophy (1999), a motivação para aprender é diferente de motivação pelo desempenho. No primeiro caso,

refere-se ao processamento das informações, à busca de significado para cada novo conteúdo, ao avanço na compreensão e no domínio de um conhecimento ou habilidade. Já a motivação para o desempenho, refere-se na preocupação com os resultados demonstrados pelos conhecimentos ou habilidades depois que já foram adquiridos. Ou seja, o aluno volta sua atenção para o produto final como, por exemplo, uma boa nota ou a aprovação naquele ano letivo.

Mas para essa motivação no contexto de aprendizagem escolar acontecer é preciso um esforço e um conhecimento a respeito dos alunos por parte do professor, por exemplo, como estudam, o que eles gostam de estudar, quais os conteúdos que lhes chamam atenção, quais seus conhecimentos prévios, sobre aquele assunto específico, para a elaboração de atividades desafiadoras, entre outros aspectos. Tendo em vista a importância da motivação dos estudantes para a aprendizagem escolar, conhecer os resultados estudos empíricos sobre o tema podem auxiliar o trabalho e o desenvolvimento do professor, no seu dia a dia com os alunos. Contribuir para a ampliação do conhecimento científico nessa temática tem relevância educacional. (BORUCHOVICH; BZUNECK, 2001).

O presente trabalho teve como finalidade levantar as principais queixas de professores a respeito de seu trabalho na escola e analisar seus conhecimentos acerca do tema. Para isso, foram utilizados dados de um levantamento feito com um grupo de professores, de diversas cidades do estado do Paraná, participantes de um projeto de extensão, intitulado LICENCIATURAS E EDUCAÇÃO BÁSICA: PONTO DE CONVERGÊNCIA DA LEITURA, DA TECNOLOGIA, DO ENSINO E DAS APRENDIZAGENS, financiado pela SETI (Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), coordenado pela Profa. Dra. Lucinea Aparecida de Rezende.

Justificativa

Pesquisar e entender a motivação no contexto de aprendizagem escolar é importante nos dias atuais, para diversas atividades como: trabalho, educação, saúde, religião, cultura, entre outras. No contexto educacional, um aluno motivado tem mais interesse e aproveitamento nas realizações acadêmicas e, esse interesse e motivação, podem ser influenciados pelas ações dos professores. Buscar esse entendimento motivacional e tentar levá-lo para o cotidiano da sala de aula faz-se justo e agradável aos alunos, pois, ter aulas dinâmicas, diferentes, perceber-se de modo autônomo para lidar com os conteúdos regulares do currículo escolar pode, para muitos, representar a oportunidade de interesse pelos estudos e, conseqüentemente, ampliação de conhecimentos e de perspectivas. Neste trabalho buscamos um maior entendimento sobre o assunto, através de revisão de literatura e pela análise de dados de um grupo de professores, obtidos por meio de questionário. Mediante os resultados deste estudo, procuraremos esclarecer um pouco mais sobre as relações motivacionais e os desempenhos dos alunos no decorrer do processo de aprendizagem.

A motivação não é resultado de treino ou de instrução, ela pode ser objeto de socialização através de estratégias de ensino. (GUIMARÃES, 2001). O fato de focalizar o aluno na elaboração de objetivos de ensino, no planejamento das atividades, na avaliação e no *feedback* acerca dos resultados de aprendizagem, possibilita ao professor ter um maior domínio sobre a sala de aula. Além disso, leva o aluno a perceber-se como construtor de seus próprios conhecimentos, pois, desse modo, o professor estabelece um elo entre o conteúdo a ser ensinado e as especificidades da sala de aula, tornando o ambiente escolar um espaço de aprendizado, desafio, crescimento intelectual, entre outros.

Revisão de literatura

Motivação e aprendizagem escolar

Considerando que existem muitas teorias que têm por foco a motivação no contexto escolar, decidiu-se nesse estudo ter como eixo norteador as teorias: Teoria da Autodeterminação e Atribuição de Causalidade. A primeira é uma macro-teoria que oferece uma abordagem para compreender e promover a motivação dos estudantes, levando em consideração que, desde o nascimento, o ser humano tende a se envolver com atividades que possam favorecer a obtenção de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a busca de novos desafios. Com isso, o ser humano busca satisfazer em seus ambientes sócio-culturais as três necessidades psicológicas básicas, defendidas pela teoria da autodeterminação, que são: a autonomia, competência e o pertencimento. (REEVE; DECI; RYAN, 2004).

Segundo Deci e Ryan (2000), a necessidade de autonomia refere-se a uma tendência pessoal para ter o comportamento apresentado de modo autônomo ou autodeterminado. Isto é, a ação do estudante precisa ser percebida por ele como sendo uma decisão pessoal ou estreitamente alinhada com seus valores, metas ou propósitos. Nesse caso, o aluno precisa se sentir como origem da própria ação e não como uma “marionete”, conduzido por pressões externas.

A competência é a necessidade de ser ativo nas interações com o ambiente e reflete o desejo natural para seguir as próprias capacidades e, ao fazê-lo, buscar e vencer desafios superiores aos seus conhecimentos atuais. Sentir-se competente não significa um esforço para ser o melhor, mas, refere-se ao sentimento de que, com o dispêndio de tempo e esforço, é possível vencer o desafio presente naquela tarefa ou atividade.

O pertencer refere-se à necessidade de se sentir proximamente vinculado com os outros, percebendo que tal laço é duradouro e estável. A satisfação dessa necessidade se reflete na vontade de ser emocional e interpessoalmente vinculado e envolvido em relacionamentos afetuosos e atenciosos.

Pesquisas baseadas na Teoria da Autodeterminação mostram que a satisfação das três necessidades básicas, aqui descritas, competência, pertencimento e autonomia, pode promover o bem estar e o funcionamento positivo dos alunos. Por outro lado, a frustração dessas necessidades geralmente resulta em problemas de relacionamentos, de desempenhos e no mal estar.

Nessa perspectiva, são definidos dois tipos de motivação: a intrínseca e a extrínseca. “A motivação intrínseca refere-se à escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de satisfação.” (GUIMARÃES, p. 37, 2001). Uma pessoa intrinsecamente motivada procura novidade, entretenimento, satisfação da curiosidade, aproveitamento as oportunidades para exercitar novas habilidades e obtenção de domínio sobre a nova proposta de desafio. Já, no caso de motivação extrínseca “tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidades.” (GUIMARÃES, página 46, 2001).

Em síntese, de acordo com a teoria, o ser humano é, desde seu nascimento, ativo e propenso ao desenvolvimento saudável. O contexto de convivência social pode tanto favorecer esse impulso natural quanto frustrá-lo. Quando uma pessoa envolve-se em uma atividade de realização, como as tarefas de aprendizagem na escola, independente das razões que a levou a fazê-la, os resultados podem ser positivos ou negativos. Quando positivos, geralmente a pessoa não questiona as razões do sucesso. Ao contrário, diante do fracasso, a busca por uma explicação a respeito das causas que levaram a esse resultado é quase natural. No próximo item, será apresentada brevemente a Teoria da Atribuição de Causalidade.

Teoria da Atribuição de Causalidade

Weiner (2004) desenvolveu a teoria da atribuição de causalidade buscando compreender os efeitos das causas atribuídas a situações de fracasso. A ideia é que, dependendo das dimensões da causa explicativa do fracasso, a pessoa pode ter motivação, em um próximo momento, para realizar a mesma atividade ou outra semelhante.

O fracasso inesperado em um importante exame evocará em processos atribucionais. Os sentimentos e pensamentos que o aluno busca como justificativa ou uma resposta interior para si mesmo, como explicação do seu sucesso ou fracasso, diante de uma determinada situação ou teste. Weiner (2004) investigou tais processos, formulando a teoria da motivação intrapessoal, ou seja, as atribuições que a pessoa faz internamente para explicar seu fracasso.

A teoria intrapessoal da motivação pode ser classificada ou reconhecida pela explicação que o aluno busca como justificativa para o seu sucesso ou fracasso. Na maioria das vezes, o fracasso acaba tornando-se alvo desses pensamentos e sentimentos, pois, quando o sucesso é alcançado é mais fácil justificar o resultado pelo esforço despendido. Mas o fracasso causa aborrecimento e, com isso, a pessoa tende a fazer uma auto-avaliação sobre seu próprio desempenho diante da atividade ou teste realizado.

Atribuição causal é o que as pessoas fazem ou sentem ao se depararem com situações imprevistas, nas quais tenham obtido sucesso ou fracasso. Dessa forma, as pessoas buscam por respostas que justifiquem esse resultado repentino, principalmente se o fracasso foi inesperado, tentando atribuir a causa dessa situação a um fator, dando uma resposta racional e psicológica a si mesmo.

A motivação intrapessoal, na perspectiva atribucional, tem como abordagem inicial o fim de um evento como, por exemplo, o sucesso ou o fracasso em um exame. Diante de um fracasso a pessoa busca uma explicação causal, ou seja, pensa e analisa: porque fracassei? sou capaz? esforcei-me o suficiente? Estas são algumas perguntas que o próprio indivíduo se faz, dessa forma, ele está tentando entender a si mesmo e o ambiente onde vive com base em suas atitudes e conhecimentos.

Fracassei por que não me esforcei o suficiente? Então seria algo que sou capaz de fazer, mas, naquele momento não o fiz por falta de esforço ou vontade de me dedicar um pouco mais? No entanto, se o resultado foi negativo e eu havia me esforçado, estudado, e não atingi a meta desejada, posso me sentir incapaz, não inteligente o suficiente e assim por diante. Desse modo, desenvolvem-se expectativas negativas em relação a sua própria capacidade de obter sucesso em outra atividade semelhante no futuro.

A procura causal tem duas funções, a de explicar e diminuir a surpresa e a sensação desagradável da situação inesperada; e a outra, e também a mais importante é a de auxiliar na conquista do objetivo em uma próxima vez, utilizando de estratégias novas e adequadas para não repetir o fracasso.

Em situações escolares, os alunos podem atribuir seu fracasso a muitas causas que justifiquem os eventos ocorridos, porém, as mais utilizadas segundo Weiner (2004) são: capacidade (inteligência, aptidão); esforço ou falta dele; outras pessoas (colegas, família, professores); fatores fisiológicos (problemas de saúde, humor); dificuldade ou facilidade da tarefa; e sorte (ou azar).

Para Weiner (2004) as causas atribuídas têm como características as seguintes dimensões: *locus* (interno/ pertencente ao sujeito ou externo/ fora dele), estabilidade / instabilidade (permanente ou passível de mudança), e controlabilidade (dentro ou fora do controle do indivíduo), conforme quadro 1.

Dimensões Causais					
Controle		<i>Locus</i>		Estabilidade	
Controlável	Incontrolável	Interno	Externo	Estável	Instável

Quadro 2. Dimensões Causais de acordo com a Teoria Intrapessoal de motivação.

Para o autor, a controlabilidade está relacionada a emoções como sentimentos de culpa no fracasso e orgulho no sucesso, por exemplo, se o aluno não for bem sucedido em um exame e atribuir o resultado a causas incontroláveis, ele pode sentir vergonha, medo ou raiva em relação às pessoas

que estão junto com ele envolvidos na atividade. Por outro lado, em caso de sucesso esse aluno terá sentimentos de sorte ou gratidão para com os demais envolvidos resultando em uma causa controlável para o mesmo, ou seja, estava ao seu alcance e ele atingiu a meta desejada.

O *locus* tem um elo com o sentimento de autoestima, pois se o sucesso ou fracasso estiver relacionado a fatores internos, o sucesso trará orgulho, com isso, a motivação aumentará. Ao contrário disso, quando o resultado for de fracasso, o aluno não conseguiu atingir a meta desejada por dificuldade em realizar a prova, isso se caracteriza como algo externo, a autoestima tende a diminuir e com ela sua motivação também.

A dimensão estabilidade / mutabilidade está relacionada com as possibilidades futuras, por exemplo, caso o aluno atribua seu sucesso ou fracasso em exames considerados difíceis, portanto algo estável, ele poderá frente a um sucesso ter expectativas de repetir o seu desempenho. Já o que atribuir o seu fracasso a um fenômeno estável, esse terá mais dificuldade em um próximo exame em melhorar, pois a sua autoestima pode estar prejudicada e dessa maneira o seu desempenho pode continuar fraco ou piorar cada vez mais.

Já os sentimentos e pensamentos que outras pessoas irão dirigir ao aluno diante do seu sucesso ou, mais específica e frequentemente, do seu fracasso, o autor classificou como teoria interpessoal da motivação, pois é o olhar de outros significativos (professor, pais ou colegas) em relação ao sucesso ou fracasso do aluno.

Também podemos considerar que depois do resultado e do baixo desempenho de um aluno em um exame, ele receberá julgamento e avaliação de pessoas significativa na vida dele, como dos pais, colegas e professores, com isso essas pessoas podem julgar esse aluno em bom ou mal, responsável ou irresponsável, moral ou imoral, dessa maneira o aluno torna-se alvo das emoções, incluindo a raiva ou simpatia. Esses pensamentos ou emoções darão subsídios para identificar a ajuda ou negligência. Com base nisso, pensamentos e sentimentos dirigidos por outras pessoas em relação ao aluno, identifica-se como a teoria interpessoal da motivação. (WEINER, 2004).

De acordo com o autor Weiner, as consequências das atribuições causais são:

O ponto de vista motivacional das atribuições causais é o mais importante. Conforme a atribuição que uma pessoa fizer, resultarão as seguintes posições: o tipo e nível de metas que ela escolherá para si (exemplo: se vai repetir o vestibular para o mesmo curso, ou não), e qual será seu empenho nas atividades que levarão a essa meta. A pessoa fará uma estimativa prévia quanto à probabilidade de conseguir aquela meta, ou seja, avaliará suas chances de conquistá-la, em função das atribuições que hoje tiver feito, consideradas as suas dimensões. (WEINER, 2004, p. 4)

Nessa perspectiva, as consequências das atribuições causais dizem respeito à expectativa pessoal em relação à atividade ou meta proposta subsequente a atribuição, ou seja, depende dos julgamentos prévios que a pessoa faz sobre seus possíveis resultados de desempenho. Para ter expectativa positiva ou negativa em relação a outra atividade semelhante, procede o tipo de causa que o sujeito atribuiu ao evento anterior. Por exemplo, se o sucesso foi alcançado em um exame e o aluno atribuiu a uma causa estável, como resultado da sua alta capacidade, a probabilidade de ocorrer novamente o sucesso no próximo exame é grande. Em contrapartida, no caso de um aluno que atribuiu o resultado do exame a fatores instáveis e incontroláveis, como a sorte, esse sujeito relacionará a possibilidade de futura reprovação ou os maus resultados como consequências fora de seu controle, assim, não existe a necessidade de empenhar esforços. Em uma terceira situação, quando um resultado positivo for atribuído a causa instável, mas controlável, como esforço, o aluno terá expectativas de sucesso em atividade semelhante.

Dentro do contexto da sala de aula, os professores têm a possibilidade de influenciar seus alunos em relação às suas expectativas e atribuições causais. Quando o aluno estiver atribuindo e criando barreiras aos seus esforços de recuperação, por exemplo, assim como o mesmo alegar que seu

fracasso é por falta de capacidade ou azar em relação à atividade, o professor pode esclarecer que as causas que levam ao fracasso podem ser mutáveis, instáveis, internas e controláveis, portanto, passíveis de mudança e sob o próprio controle de cada pessoa, Nesse caso sucesso é, sobretudo, uma questão de esforço e de boas estratégias, fatores que estão sob o controle do sujeito.

Em suma, as duas teorias motivacionais: a interpessoal e a propostas por Weiner (2004) se sobrepõem e estão envolvidas nos pensamentos, sentimentos e ações do ator e do observador, dentro do mesmo episódio comportamental.

O fracasso escolar: Contextualizando a escola

Mesmo com diversos ideais sobre a educação básica de qualidade e universal para todos, a escola continua com o caráter de exclusão e seleção, pois, de uma certa forma ela não garante o acesso, a permanência e a aprendizagem de qualidade a todas as crianças e adolescente matriculados na mesma.

O acesso à escola está universalizado, mas a conclusão do ensino fundamental e médio não está. Podemos caracterizar uma escola como um sistema educacional de qualidade para todos, quando seus alunos aprendem e passam de ano letivo ou série. Esse sistema deve atender a todas as crianças e jovens, ou seja, quando todas as crianças têm acesso à instituição escolar pode-se chamar esse processo de acesso universalizado (KLEIN, 2006).

“As políticas educacionais devem ser formuladas para se obter e manter uma educação de qualidade.” (KLEIN, 2006, p. 140). Nesse sentido, o maior cuidado em relação às políticas educacionais é se elas realmente estão sendo feitas de maneiras eficaz para diagnosticar o real motivo da evasão e da defasagem da qualidade do ensino. Segundo o mesmo autor, o problema é a repetência e não a evasão, pois as taxas de repetência são muito altas em todas as séries. A evasão escolar acaba acontecendo em decorrência da

repetência, se os alunos avançam pouco nas séries, eles acabam perdendo a motivação e o gosto pela aprendizagem e, conseqüentemente, sendo “expulsos” das escolas.

Todo esse trabalho com repetência e evasão acaba por se confundir no ambiente escolar como: repetir e reprovar, quando que, na realidade, essas palavras não são sinônimos dentro da escola. No conceito escolar, repetente é o aluno que frequenta a mesma série no ano seguinte, independente do motivo que acarretou esse acontecimento, por exemplo: se o aluno mudou para um sítio e a escola mais próxima fica longe, logo esse aluno não reprovou, mais deixou de frequentar a instituição escolar por motivo particular e, no ano seguinte, voltará. Já o aluno reprovado é aquele que irá fazer a mesma série no ano seguinte por motivo de dificuldades de aprendizagem em algumas ou todas as matérias.

Os professores de escolas públicas podem requerer um pouco mais das famílias, dos pais em específico, a ajuda no processo de participação na aprendizagem de seus filhos, fazendo reuniões e discutindo com eles as dificuldades e especificidades de seus filhos para com cada matéria. Dessa maneira, o envolvimento dos pais estimula seus filhos a lerem em casa, a terem um dicionário, um local de estudo, ensinando assim seus filhos a serem bons alunos, com isso, a expectativa de progredir e a autoestima dos alunos aumentam e com ela a sua motivação pela aprendizagem, resultando em um bom desempenho escolar de seus filhos.

Mas, quando o ensino organizado e realizado pelos professores não é bem sucedido, ou seja, o professor ensina e o aluno não aprende, geralmente esses alunos são percebidos como portadores de um bloqueio cognitivo que os impedem de aprender (MATTOS, 2005). Favorecendo, desse modo, o fracasso escolar e a exclusão ou evasão do aluno no sistema educacional.

Tollefson (2000) chama de “desencontros entre professores e alunos” as atribuições feitas por ambos a respeito das causas do fracasso na escola. No caso dos professores, eles resistem em explicar a falta de aprendizagem, por parte de seus alunos, a causas sob o seu controle como, por exemplo, falhas na organização do material ou recursos de ensino, falta de estratégias eficazes para ensinar, entre outras. Isso ocorreria, segundo a autora, como forma de

autoproteção, isto é, concordar que o trabalho realizado pelo professor pode ser uma explicação para o fracasso do aluno geraria baixas crenças de eficácia pessoal para o ensino.

Por outro lado, os alunos também lutam contra atribuições que voltem para si as causas de seu fracasso. Nesse caso, com frequência, dizem que não puderam estudar porque o livro não estava na biblioteca, as aulas são chatas, o professor não sabe ensinar, entre outras. Tollefson (2000) chama este quadro de círculo vicioso, os professores e alunos atribuem o fracasso na aprendizagem a causas externas e incontrolláveis, e nenhuma das partes se mobiliza para resolver a situação. A autora assinala que devem partir do professor as ações para romper esse círculo e, para isso, ele deve ter experiências de sucesso no ensino mediante o uso de boas estratégias, da realização de adaptações curriculares e da organização de um ambiente de aprendizagem, no qual todos são vistos como sendo capazes de aprender.

O conselho de classe, por exemplo, é um espaço no qual o professor, geralmente, manifesta suas atribuições. Essa situação escolar, corriqueira e vulnerável quanto ao seu funcionamento, é o espaço onde o aluno é avaliado e muitas vezes estigmatizado, reforçando entre um professor e outro os aspectos negativos dos mesmos. “A análise desses conselhos de classes alerta para o fato de, com frequência, esses alunos e alunas se tornarem vítimas do despreparo dos professores em lidar com a complexidade de situações pedagógica” (MATTOS, 2005, p. 227). O fracasso escolar é o resultado de como se encontram organizadas as escolas, no quesito da suas praticas educativas e suas relações com seus alunos.

Nessa mesma linha, Tollefson (2000) afirma que é comum os professores buscarem nos colegas a anuência para suas avaliações a respeito dos alunos. Quando o fracasso de um aluno ocorre em diversas disciplinas, o senso de eficácia pessoal do professor é preservado, ou seja, “o fracasso de não motivar os alunos não provoca emoções negativas de vergonha quando esse fracasso é considerado comum na categoria. (TOLLEFSON, 2000, p. 17).”

Podemos perceber que, a preocupação com o bom desempenho do aluno, a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento enquanto cidadão, não

está sendo trabalhada de uma forma satisfatória para a sociedade como um todo. Para isso podemos relacionar a teoria da Autodeterminação para ajudar esclarecer.

De acordo com a teoria da autodeterminação (REEVE; DECI; RYAN, 2004) o ser humano precisa se sentir envolvido com atividades que favoreçam a sua aprendizagem, desenvolvendo suas habilidades e sempre em busca de novos desafios que possam lhe trazer esse sentimento de pertencente e construtor da sua aprendizagem como um todo, na escola e para a vida. Para isso as três necessidades psicológicas básicas precisam ser trabalhadas a autonomia, a competência e o pertencimento.

Para a autonomia ser desenvolvida o estudante precisa se sentir estreitamente ligado com as atividades, as metas para a aprendizagem. Já a competência é a necessidade do aluno se sentir ativo nas interações com o ambiente e refletindo sobre seu desejo natural para seguir suas próprias capacidades. O pertencimento é a necessidade do aluno de se sentir vinculado e próximo do outro indivíduo.

Percebemos assim que, sendo essas categorias desenvolvidas e trabalhadas nas escolas, os alunos podem se sentirem motivados para as atividades propostas, resultando no bom funcionamento e na sua satisfação. Como foi visto a causa da evasão escolar pode ser atribuída à falta de motivação do aluno em ir à escola, em aprender os conteúdos e conseqüentemente tem como causa a evasão escolar.

A própria teoria da atribuição causal (WEINER, 2004) relata que o aluno, perante certas situações como após o resultado de um exame, pode buscar perante um fracasso uma resposta interior que justifique esse resultado. Caso esse aluno não se sinta capaz ou motivado o suficiente para enfrentar essa situação, isso precisa ser trabalhado por pessoas que estão relacionadas a ele, os pais, os professores ou os amigos. Pois se a causa for atribuída a um fator estável e internamente estabilizado, logo irá fugir do controle do mesmo, trazendo a ele uma sensação de incapaz, por exemplo, se ao receber uma prova e verificar que a sua nota foi baixo da média da sala e ele irá atribuir esse resultado ao fato que ele não é inteligente o suficiente para numa próxima

prova recuperar, ele pode se desmotivar e conseqüentemente desanimar de frequentar a escola.

Dessa maneira os professores precisam se preparar para suas práticas cotidianas com seus alunos, lidando assim com as complexidades pedagógicas de uma maneira mais eficaz, a motivação para aprendizagem tem sido uma sugestão para se praticar.

O professor precisa despertar nos seus alunos o interesse e a motivação, pois, o aluno se empenha em aprender se realmente estiver envolvido e interessado pelo conteúdo proposto. Dessa maneira, uma valiosa fonte para motivar o aluno é mostrar a ele o verdadeiro significado das atividades prescritas. Para se conseguir isso é preciso mostrar ao aluno o conteúdo e valorizar a bagagem prática de vida que o mesmo tem, partir da realidade deles para um conteúdo mais complexo e específico. Porém um conteúdo para ser relevante e chamar a atenção do aluno precisa ser claro ao ser proposto. (BZUNECK, 2010).

Para ser relevante esse conteúdo precisa apresentar características desafiadoras com um grau intermediário de dificuldade, isso significa que não deve ser muito fácil (todos irão acertar sem esforço) e nem excessivamente difícil, o bastante para ninguém conseguir fazer. Assim as atividades precisam ser desafiadoras, próxima dos interesses pessoais, devem revelar seu valor e utilidade para ser feita com empenho e motivação de qualidade.

É importante também o aluno saber de uma maneira clara sobre o seu desempenho nas atividades, para isso, o *feedback* pode ser usado como um instrumento norteador para conduzir o processo de aprendizagem. O *feedback* pode ser caracterizado como corretivo ou positivo, os dois têm papel fundamental na construção do caminho por onde o processo de aprendizagem esta sendo seguido.

Cada professor precisa sentir-se amparado e ser apoio para os colegas. Seu trabalho terá mais eficácia e será menos estressante se a escola como um todo atuar de modo solidário, ao esmerar-se por criar um clima que os alunos percebam ser de orientação para o aprender com qualidade, para valor da leitura, para a reflexão e critica, para o desenvolvimento de suas potencialidades e de sua personalidade. (BZUNECK, 2010, p.37)

Assim sendo, para se obter o sucesso escolar é de grande importância o envolvimento ativo de todos os integrantes da instituição, pais, professores, e todos os demais funcionários. É imprescindível para a aprendizagem de qualidade a motivação dos alunos, professores e de todos. Afinal, somos felizes quando encontramos valor naquilo em que fazemos estudando, no trabalho ou em qualquer outro ambiente em que frequentamos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo principal do presente trabalho foi compreender as percepções de um grupo de professores em relação aos alunos no contexto da sala de aula e as principais causas que o professor atribui ao fracasso de seus alunos.

Objetivo Específico

Identificar as causas a que os professores atribuem ao fracasso do aluno.

METODOLOGIA

INSTRUMENTOS

Um questionário de questões abertas (Anexo 1) foi elaborado por Rezende e Maciel (2009), parte de um projeto de pesquisa-extensão envolvendo professores da rede pública de diversos municípios do estado do Paraná, avaliados como tendo baixo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). as ações a serem desenvolvidas serão circunscritas aos municípios: Curiúva (IDEB¹=3,9), Figueira (IDEB=4,7), São Jerônimo da Serra (IDEB =4,3), Sapopema (IDEB=3,8), além dos Municípios de Bela Vista do Paraíso (IDEB =4,0) e de Ibiporã (IDEB=4,4), com os quais já temos parcerias em andamento.

Desse questionário, para o presente estudo foram extraídas as respostas dos participantes para a seguinte questão: "Professor (a), quais as maiores dificuldades que você enfrenta para ajudar os seus alunos a superarem as dificuldades para aprender?"

¹ O IDEB do Paraná nas séries iniciais é **5,2**.

PARTICIPANTES

Professores e coordenadores das escolas participantes do projeto maior responderam o questionário. No quadro abaixo pode ser observada a caracterização dos estabelecimentos de ensino, docentes e alunos em termos de distribuição numérica.

Município	Estabelecimentos			Docentes			Alunos		
	creche	Pré-escola	Ensino Fundamental	creche	Pré-escola	Ensino Fundamental	creche	Pré-escola	Ensino Fundamental
1. Bela Vista do Paraíso		05	06		09	63		163	928
2. Curiúva		06	07		12	67	48	257	1.452
3. Figueira	04		06		10	50		35	709
4. Ibiporã		13	13		30	141	462	1.162	3.196
5. São Jerônimo da Serra		08	17		12	82		65	1.176
6. Sapopema		04	05		09	48		176	719
Total	04	36	54		82	451	510	1.858	8.180

Fonte de consulta: IparDES

Quadro 3. Demonstrativo dos estabelecimentos de ensino, docentes e alunos a integrarem o Projeto

Do total de docentes, responderam ao questionário, foco do presente estudo, 125 participantes. Para análise, selecionamos as respostas dos professores para a questão 2:

“Professor(a), quais as maiores **dificuldades** que **você enfrenta** para ajudar os seus alunos a superarem as dificuldades para aprender?”

Esta seleção justificou-se pelo fato de que, indicando as dificuldades pessoais para ajudar os alunos, os professores revelaram suas percepções acerca das causas atribuídas para o fracasso escolar.

RESULTADOS

Os integrantes do projeto maior digitalizaram todas as respostas obtidas nos municípios sem alterar a redação, ou seja, não foram corrigidos erros gramaticais, ortográficos e quaisquer outros tipos de erros. Desse material, foram extraídas as respostas para a questão: “*Professor (a), quais as maiores dificuldades que você enfrenta para ajudar os seus alunos a superarem as dificuldades para aprender?*”

A partir desse recorte foram organizadas categorias de respostas, ou seja, observando-se o conteúdo das respostas dos docentes foram agrupadas aquelas com maior semelhança. Nesta seção, serão apresentadas as categorias elaboradas, sua descrição e as respostas a elas vinculadas.

Categorias de respostas

Alunos

Nesta categoria, foram agrupadas as dificuldades apontadas pelos professores que se referiam a problemas comportamentais, problemas variados dos alunos em relação à aprendizagem no contexto da sala de aula e de sua motivação. As causas atribuídas pelos participantes nesta categoria foram:

Indisciplina; drogas; falta de interesse; pouco interesse dos alunos; falta de motivação; falta de compromisso com a aprendizagem; problemas psicológicos; fonoaudiólogos; neurológicos; emocional; os alunos possuem déficit de atenção; baixa autoestima, auto estima elevada; alunos desinteressados pelo conteúdo a ser ensino pelo professor; limites; concentração; atenção; insegurança; organização; diferenças sociais; maturidade; carência afetiva; conhecimento geral do mundo; retenção de atenção; falta de compromisso dos alunos com a aprendizagem; alunos com problemas psicológicos, fonoaudiólogos, neurológicos; defasagem de

aprendizagem; dificuldade de raciocínio lógico; dificuldade de assimilação; desatentos; desinteressados; falta de interação social; envolvimento; problemas de saúde; problemas sociais; dificuldade em reter o conteúdo; falta de atenção; escrita; leitura; interpretação; multiplicação, divisão; produção; adaptação a mudanças; dificuldades ortográficas; falta de coordenação motora fina e ampla organização espacial; falta de interpretação e ansiedade para realizar rapidamente a tarefa; falta de hábito de leitura; falta de valorizar o ensino; alunos com déficit de atenção; comportamento; falta de conhecimento já adquirido em séries anteriores;

Família

Os professores alegaram ao responder a pergunta que a causa para o fracasso dos alunos refere-se à falta de comprometimento da família para com o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, nesta categoria foram relatadas as dificuldades econômicas e as necessidades básicas das famílias, para manter seus filhos na escola, dificuldades essas, apontadas pelos professores em relação às famílias dos alunos. Um exemplo de resposta de um professor que foi incluída nesta categoria: “Acredito que muito são as dificuldades, mas a maior de todas é a falta de concentração dos alunos, a falta de interesse, o pouco incentivo dos pais ou responsáveis, a maioria manda o filho para a escola somente para receber a “bolsa família”. Também a falta de limites que as crianças tem hoje é um grande entrave para que os alunos consigam reter os conteúdos ensinados.”

As dificuldades apontadas como vinculadas à família foram:

As famílias possuem dificuldade econômica para a compra do material escolar; falta de recursos financeiros; fome; problemas sociais; com relação aos problemas de saúde o encaminhamento é feito para especialistas do S.U.S Mas o atendimento é moroso, as vezes os pais desistem de esperar; falta de estímulo; entusiasmo; compromisso; limites dos pais; comprometimento dos pais; família desestruturada; migração para outro estado em busca de trabalho com período indeterminado; brigas de familiares; ausência de apoio nas tarefas de casa; ambiente desfavorável a leitura; falta de motivação por parte da família; pouco material cultural em casa; falta de cobrança nos estudos e

tarefas; baixa escolaridade dos pais não permite que eles auxiliem os filhos; a família não dá respaldo necessário para a escola, deixam a função de educar para os professores.

Estrutura escolar, sistema educacional.

Foram aqui indicadas como causas do fracasso dos alunos a falta de recursos para apoiar os professores tanto da instituição escolar, como da prefeitura, secretaria da educação. Além disso, alguns professores usaram em suas respostas o recurso do salário para justificar a falta de entusiasmo e sucesso no processo de ajudar o aluno a aprender, essas foram as respostas: Escassez de tempo na escola para buscar ajuda, pois o tempo é curto, temos apenas 15 minutos para trocar idéia com os colegas e na hora atividade precisamos preparar as aulas da semana, pois lecionamos o dia todo; falta de tempo para os professores para mais leituras e estudos; defasagem dos conteúdos; falta apoio da família; falta uma escola com espaço, uma biblioteca e sala com vários computadores com internet; falta de atendimento individual dando maior atenção aos alunos que necessitam; falta de atividades escolares que estão de acordo com seu (alunos) nível de aprendizagem; falta de materiais extras (jogos, material diversificados); tempo insuficiente para planejar aulas diferenciadas (confecção de materiais, jogos, cartazes, etc.); recursos didáticos diferenciados em falta, etc.; falta de material pedagógico (lúdico) para as series iniciais educação infantil; sala com vários níveis de aprendizagem; falta de condições de trabalho adequadas (instalação, espaço físico, recursos didáticos disponíveis, materiais diversificados de leitura e pesquisa; valorização profissional real; falta de cursos de capacitação; não temos auxiliar em sala de aula; falta de espaço físico na escola; falta de biblioteca; falta de salários melhores para que o professor possa optar por lecionar num período e formação no outro; falta de salários justos;

Professor/ equipe pedagógica

Alguns professores também demonstram em suas respostas suas insatisfações com a falta de uma equipe pedagógica e com a falta de professores qualificados para ocuparem os devidos cargos. As respostas foram:

Professores com falta de conhecimento; falta de capacitação por parte dos professores; falta de interesse dos professores; falta de conhecimento para lidar com a situação; formas ágeis e flexíveis de organização e funcionamento da escola, falta de entusiasmo e de compromisso da equipe pedagógica.

Na Figura 1 pode ser observada a frequência de respostas dos professores para cada categoria organizada.

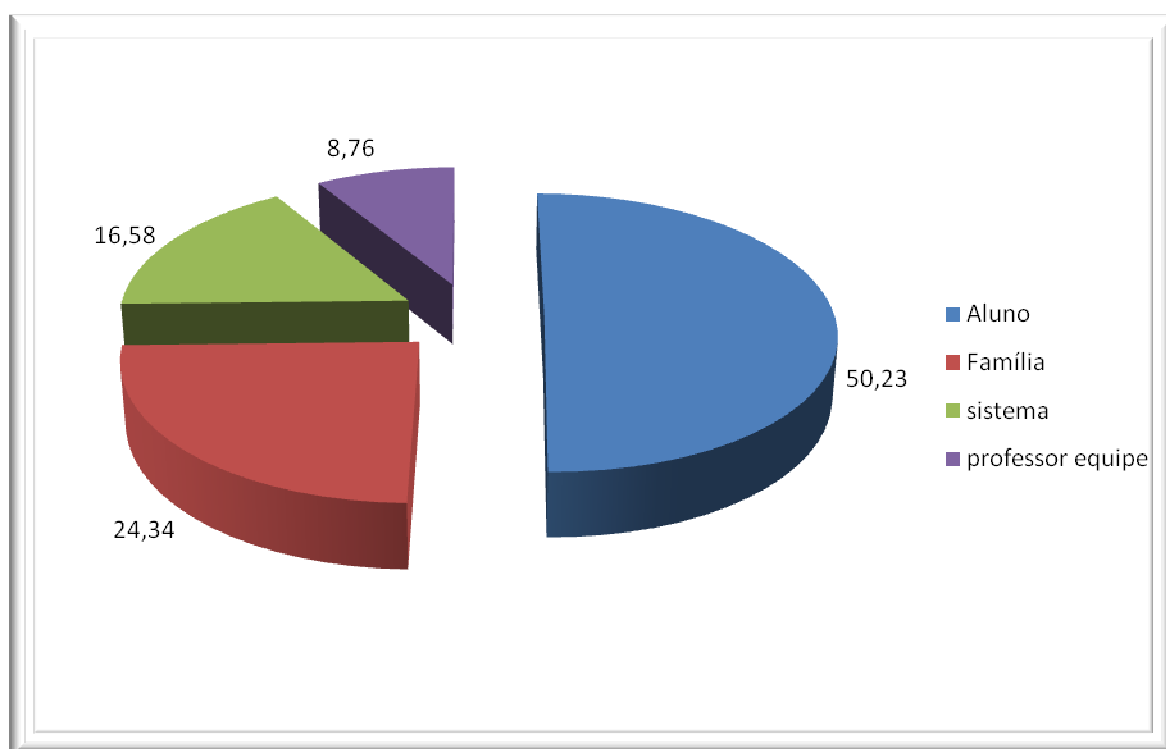


Figura 1. Distribuição das respostas apresentadas pelos professores.

Os dados assim organizados revelam uma prevalência maior de atribuições ao fracasso dos alunos a causas relacionadas aos mesmos ou à sua família. O sistema educacional, os próprios professores e a equipe pedagógica foram apontados com menor frequência.

Discussão

Os objetivos que nortearam o presente estudo foram voltados para responder o problema das atribuições que professores fazem a respeito do fracasso de seus alunos na escola. Sem dados suficientes para generalizar as conclusões da pesquisa, tendo em vista uma pequena amostra de professores envolvidos, pudemos perceber que os resultados aqui encontrados estão alinhados com outras pesquisas brasileiras e estrangeiras.

De acordo com as categorias de respostas descritas nos resultados, a Figura 1, revelou as atribuições dos professores participantes em relação às causas das dificuldades de aprendizagem de seus alunos. Em outras palavras indicam a quem os professores atribuem a responsabilidade ou a culpa pelo fracasso escolar. Este que, como consequência pode resultar em evasão escolar.

Percebe-se com os dados demonstrados na Figura 1, que a principal causa da dificuldade que este grupo de professores alega enfrentar para superarem a complexidade da aprendizagem destes alunos, está diretamente vinculada a características do próprio aluno. Observa-se que 50,23% das respostas dos professores, acerca das dificuldades para aprender, apontaram que os alunos são culpados pelo mal desempenho que eles têm quanto ao seu desenvolvimento e rendimento escolar, assim alguns professores responderam: Os alunos tem déficits de atenção, baixa autoestima, autoestima elevada, não possuem limites, falta de concentração, insegurança, carência afetiva, dificuldade de raciocínio lógico, desatentos, falta de interpretação e ansiedade para realizar rapidamente a tarefa, [...] entre outras.

Percebe-se que o professor muitas vezes atribui ao aluno a culpa pela falta de conhecimento, pois, “para protegerem seu senso de auto-eficácia os professores podem, como estratégia, atribuir o fracasso dos alunos a fatores externos e fora de seu controle pessoal, tais como baixa capacidade dos alunos, falhas no sistema educacional, falta de apoio familiar, entre outros” (TOLLEFSON, 2000).

Mattos (2005) analisando dados relativos ao acompanhamento, por dois anos, de reuniões denominadas “conselhos de classe” de duas escolas públicas. Segundo a autora, nesses conselhos

As educadoras atribuem muito facilmente a causas psicológicas o fraco desempenho escolar de alunos e alunas, sem possuírem nem os elementos, nem os conhecimentos necessários para tais afirmações. Diagnósticos e encaminhamentos para tratamento médico e psicológico são práticas comuns nas escolas observadas. Em cinqüenta casos apresentados durante um ano, nenhum pode ser solucionado através de uma medida prática dentro do âmbito escolar, todas as soluções foram remetidas para fora da escola. (Mattos, 2005, p 218)

Segundo a mesma autora, a equipe pedagógica, pautada nos resultados do conselho encaminha alunos e alunas para atendimento psicológico, neurológico, fonoaudiológico, psiquiátrico, entre outros, quando se trata de problemas vinculados a dificuldades de aprendizagem, mas também os alunos que apresentam problemas de comportamento, relacionamento, assiduidade, agressividade e, até mesmo de concentração. Essas atribuições impedem que ações dentro da escola ou, mais especificamente, em sala de aula sejam implementadas. Lembrando Tollefson (2000) atribuir o fracasso dos alunos a causas externas, estáveis e incontroláveis por parte do professor resulta em uma explicação que, de certo modo, o protege de um rebaixamento de sua percepção de eficácia como professor.

A grande incidência de respostas atribuindo o fracasso a causa vinculadas ao próprio aluno, encontradas na presente pesquisa, reitera o que já se tem disponível na literatura.

Reconhecendo que os estudantes procuram por desafios que possam desenvolver suas habilidades e conhecimentos, os professores podem no decorrer de suas atividades escolares buscarem desenvolver em seus alunos situações que possam satisfazer as três necessidades básicas psicológicas defendidas pela teoria da autodeterminação: autonomia (o aluno precisa se

sentir como origem da própria ação), competência (é a necessidade de ser ativo nas interações com o ambiente e reflete o desejo natural para seguir as próprias capacidades buscando vencer desafios superiores aos seus conhecimentos atuais) e pertencimento (sentir-se pertencente à construção de seus próprios conhecimentos). Esta perspectiva que busca compreender, explicar e sugerir intervenções que possam aumentar a motivação os estudantes pode ser um referencial útil para o problema aqui revelado. Ao invés do professor justificar o mau desempenho de seus alunos a causas oriundas a eles mesmos, podem tentar compreender os mesmo e através desse processo trazer para sala de aula alternativa que possam subsidiar a melhoria na qualidade de ensina nas escolas.

24,34% dos professores atribuíram a família, como principal causa da dificuldade dos alunos em aprender nas escolas, pois, os familiares pouco se envolvem com as atividades nas escolas, os professores alegam em suas respostas que falta entusiasmo, comprometimento, compromisso, [...] entre outras causas, resumindo, a família não tem uma participação frequente na escola, e que isso prejudica o desenvolvimento dos alunos em relação ao processo de ensino aprendizagem. Os professores resistem em aceitar a crítica de que sua matéria é desinteressante ou que ele não a estaria tornando interessante (TOLLEFSON, 2000), atribuir ao outro a causa de seu fracasso é difícil, mas faz necessário que o professor pense e reflita no decorrer do ano letivo o que esta acontecendo dentro do contexto de sua sala de aula e buscar soluções que possam dentro deste contexto fazer a diferença na vida de seus alunos, para que esses alunos venham refletir sobre a importância de construir seu próprio conhecimento.

16,58% dos professores responderam que a principal causa da dificuldade de aprendizagem dos alunos esta relacionada ao sistema educacional ou a falta de apoio do mesmo. Como exemplo das respostas está: A falta de recursos para apoiar os professores tanto da instituição escolar, como da prefeitura, secretaria da educação; escassez de tempo na escola para buscar ajuda, pois o tempo é curto, temos apenas 15 minutos para trocar idéia com os colegas e na hora atividade precisamos preparar as aulas da semana, pois lecionamos o dia todo; falta de tempo para os professores para mais leituras e estudos; defasagem dos conteúdos; sala com vários níveis de

aprendizagem; falta de cursos de capacitação; falta de biblioteca [...] entre outras causas. Pode-se perceber que os professores muitas vezes almejam uma escola com infra-estrutura melhor e de qualidade para subsidiar o cotidiano escolar na construção da aprendizagem do aluno, mais é preciso além de tudo isso, recursos como cursos de capacitação e muito esforço por parte do sistema educacional, investimento do governo em preparar esses professores, para que, os mesmo possam aproveitar e reconhecer o que a escola tem a oferecer como recurso didático e utilizar-se deles para melhorar as aulas e torná-la mais didáticas.

Apenas 8,76% dos professores responderam que a principal dificuldade enfrentada para ajudar seus alunos a superarem as dificuldades de aprendizagem escolar esta no professor. As respostas foram: Falta de salários melhores para que o professor possa optar por lecionar num período e formação no outro, e a outra resposta foi: Falta de salários justos.

De acordo com a teoria da causalidade proposta por WEINER (2000) o professor tem a possibilidade de influenciar seus alunos em relação à perspectiva e atribuição dos mesmos em situações causais, quando a baixa autoestima atingir seus alunos após um resultado de exame , por exemplo, o professor pode direcionar o caminho para um resultado positivo em um próximo exame, esclarecendo ao aluno que o fracasso pode ser algo mutável, instável externo e controlável, dessa forma, o sucesso esta nas mãos do aluno basta que o mesmo utilize-se de boas estratégias, esforço e isso são fatores controláveis, pois, os alunos podem reverter o resultado de um fracasso, num próximo exame, em sucesso e boas notas.

Desta maneira o professor pode auxiliar o bom desempenho acadêmico de seus alunos mesmo que o salário não seja o esperado, ou que, falte tempo para cursos de capacitação, pois, a base para o reconhecimento profissional de cada pessoa esta nas atitudes cotidianas e em tudo que se pode fazer a diferença, professores que visam formar alunos críticos, reflexivos, pessoas para viverem na sociedade e fazer a diferença.

Considerações finais

A fase inicial da educação e de formação do cidadão esta embasada no contexto escolar desde a pré-escola e segue por toda a vida. Dessa maneira faz se necessário que o professor tenha um conhecimento mais aprofundado referente à motivação de seus alunos, para que possam auxiliar no desempenho da aprendizagem.

Mediante a abordagem exposta no decorrer do trabalho, demonstrou-se quais as maiores atribuições que os professores faz ao serem questionados referentes à aprendizagem de seus alunos, desta forma, de acordo com a teoria da Autodeterminação os alunos precisam sentir-se motivados, eles buscam por desafios que os proporcionem medirem sua capacidade cognitiva, dessa maneira é preciso estabelecer exercícios que desenvolva e possibilitem os aperfeiçoar as três necessidades psicológicas básicas proposta pelos autores Deci e Ryan (2000): Autonomia, competência e pertencimento. Com isso, os professores podem auxiliar seus alunos a desenvolverem a autonomia e a motivação.

A teoria da autodeterminação proporciona essa compreensão referente à motivação dos estudantes vinculados ao contexto escolar, desse modo, possibilita o entendimento sobre o envolvimento e desempenho dos alunos nas atividades escolares por meio da motivação autônoma.

O fracasso escolar também pode ser resultado dessa autonomia não desenvolvida, os alunos acabam não se sentindo construtor de seus próprios conhecimentos e com isso a motivação e a vontade de aprender diminui.

Este trabalho me proporcionou um maior entendimento sobre esse tema, no qual, era de muita relevância para minha bagagem acadêmica, conhecer um pouco mais sobre a motivação, o contexto escolar onde o professor e o aluno dividem o mesmo espaço.

Senti essa necessidade de pesquisar sobre esse tema, pois é importante para minha formação como pedagoga, sei que vou me deparar com situações parecidas com as que aqui estudamos, e quero sentir-me preparada para lidar com meus alunos. Pretendo dar continuidade a futuros trabalhos acadêmicos,

conhecer caminhos que tornem os conteúdos significativos e relevantes aos alunos, desta maneira, auxiliá-los para que possam sentir-se motivados e autodeterminados na construção de seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORUCHOVICH, E.; BZUNECK, J.A. *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2001.

BROPHY, J. Research on Motivation in Education: Past, Present, and Future. Em T. Urdan (Ed.) *Advances in Motivation and Achievement (Vol. 11: Achievement Contexts)*, 1999.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “What” and “Why” of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227–268, 2000.

GUIMARÃES, S. É. R. . Motivação Intrínseca, Extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: José Aloyseo Bzuneck; Evely Boruchovitch. (Org.). *A motivação do aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, v. 1, p. 1-184.

KLEIN, R. Como está a educação no Brasil? O que fazer? *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 14, 2006, p.139-172, 2006.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 31, n. 2, ago. 2005

REZENDE, L. A.; MACIEL, A. Relatório de Projeto: Licenciaturas e Educação Básica: ponto de convergência da leitura, da tecnologia, do ensino e das aprendizagens. (Relatório não publicado)

REEVE, J .; DECI, E. L.; RYAN, R. M. Self-determination theory. A dialectical Framework for understand sociocultural influences on student motivation. In: D. M. McInerney & S. Van Etten (Eds.) *Big theories Revisited*. Connecticut: Age Publishing, 2004.

TOLLEFSON, N. Classroom Applications of Cognitive Theories of Motivation. *Educational Psychology Review*, v.12, n.1, 2000, p. 63-83.

WEINER, B. (2000) Intrapersonal and Interpersonal Theories of Motivation For an Attributional Perspective. *Educational Psychology Review*, 12, 1-14.

ANEXO

ANEXO 1**Projeto Universidade sem Fronteiras****Licenciaturas e Educação Básica: ponto de convergência da leitura, da tecnologia, do ensino e das aprendizagens**

Questões visando a coleta de dados junto aos professores e às professoras a respeito dos temas de interesse para nossa atuação nos municípios integrantes do Projeto.

- 1- Professor(a), quais as **maiores dificuldades** que seus **alunos enfrentam** para aprender? Mencione as principais, em ordem de importância, da mais séria e grave para as menos sérias e menos graves (sem limite de quantidade).

- 2- Professor(a), quais as maiores **dificuldades** que **você enfrenta** para ajudar os seus alunos a superarem as dificuldades para aprender, mencionadas na questão 1?

- 3- Professor(a), liste, por favor, **em ordem de preferência ou necessidade**, quais os temas que considera que mais contribuiriam para você poder aperfeiçoar seu trabalho com seus alunos, para ajudá-los a aprender e se desenvolver. Dessa forma, o grupo responsável na UEL, pelo Projeto Universidade sem Fronteiras, poderá organizar alternativas para atendê-lo(a). (de 1 a 5 itens).

Nossos agradecimentos

p/equipe
Dra. Lucinea Aparecida de Rezende
UEL